

Editorial: Ensino de História em tempos de negacionismo

Dalila Varela Singulane¹
Carolina Martins Saporetti²

Esta edição da revista Faces de Clio reúne textos que analisam os desafios de se ensinar História quando o fascismo chega ao poder e demonstra sua força nas instituições de ensino, implementando a militarização, desvalorização dos professores e professoras e estimulando a violência. Ser docente do ensino básico no Brasil nunca foi uma tarefa fácil, o excesso de trabalho combinado com salários cada vez menores culminaram num cenário de precarização do ensino e adoecimento mental das/os profissionais que dedicam suas vidas à formação da nossa população.

Com a eleição de um governo negacionista o exercício docente ficou ainda mais complicado, visto os constantes ataques e cerceamento da autonomia de professoras e professores, sobretudo, de História. Isso porque o governo de Jair Bolsonaro e seus apoiadores se apoiava na guerra de narrativas, descontextualização de fatos e instrumentalização da educação para manter posições de privilégio e opressão às minorias. O negacionismo empreendido pelo bolsonarismo que se capilarizou no Brasil foi um dos principais causadores das mais de 700.000 mortes por covid-19 e das recentes tragédias envolvendo atiradores em escolas e creches.

Não só os ataques físicos marcaram o período da presidência bolsonarista, como também os ataques simbólicos à uma educação crítica foram a marca dos últimos quatro anos. A pauta conservadora minou o ensino sobre justiça social, educação sexual e respeito à

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestra (2021) em História pela UFJF. Bacharela em História (2018) pela UFJF com habilitação em Patrimônio Cultural. Vinculada ao Museu de Arqueologia e Etnologia Americana (MAEA-UFJF). Membro do LAPA (Laboratório de Patrimônios Culturais) da Universidade Federal de Juiz de Fora e integrante do grupo de pesquisa CNPq - Patrimônio e Relações Internacionais. Editora-chefe da revista acadêmica “Faces de Clio” e gerente editorial da “Locus: revista de História”, ambas vinculadas ao PPGH-UFJF. Pesquisas e trabalhos na área de Patrimônio Cultural, Racismo e Políticas Públicas de preservação. E-mail: dalilavarela.s@gmail.com.

² Doutoranda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestra em História pela UFJF (2017). Graduada em Licenciatura e Bacharelado em História com ênfase em patrimônio histórico pela mesma instituição. Membro do LAPA (Laboratório de Patrimônios Culturais) da Universidade Federal de Juiz de Fora e integrante do grupo de pesquisa CNPq - Patrimônio e Relações Internacionais. Atualmente exerce a função de curadora no Centro de Conservação da Memória da Universidade Federal de Juiz de Fora (CECOM-UFJF). Áreas de interesse: patrimônio, memória, IPHAN, políticas de preservação do patrimônio, relações internacionais. E-mail: carolina.saporetti@estudante.ufjf.br.

diversidade de gênero. No esteio desse movimento, vimos a memória de Paulo Freire, patrono da nossa educação, ser diminuída e utilizada para fragilizar o modelo de educação que mais é lido ao redor do mundo.

Agora, pós eleições e vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, acompanhamos ativamente a reconstrução do país dentro dos moldes democráticos e com a educação pública de qualidade como prioridade. Nesse novo começo, o cenário ainda é preocupante para educadoras/es e educandas/os, principalmente de estados como Minas Gerais, onde o herança bolsonarista e de desmonte da educação prevalecem sob o governo Zema. Contudo, mais estabilizados e com um governo federal que acredita na ciência, agora podemos vislumbrar um horizonte menos nebuloso e com mais esperança que a educação, realmente, é e sempre será libertadora, sendo a base fundamental de um país que se quer mais justo e, efetivamente, democrático.

Somente uma educação crítica, distante do molde bancário ou militar, nos protegerá de uma sociedade fascista.

Desejamos à todas/es/os uma boa leitura!

Viva Paulo Freire!